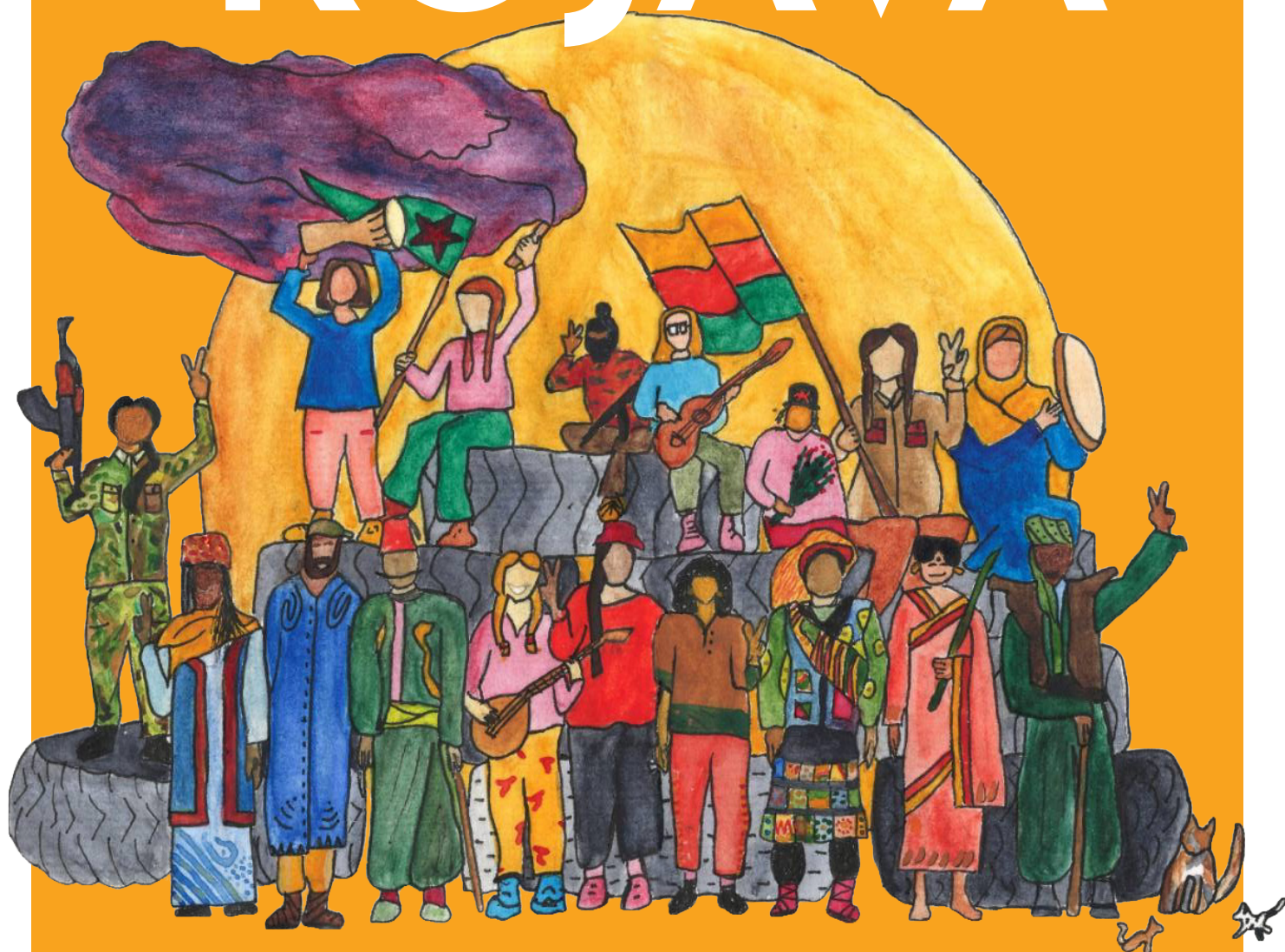


perspetivas de

ROJAVA



LÊGERÎN

UMA EDIÇÃO ESPECIAL

Jovens revolucionários falam
sobre a luta internacionalista
na fase atual

ÍNDICE

4

perspetiva

Outro mundo é possível -
vamos organizá-lo!

8

comemoração

Como podemos realmente viver
aquilo em que acreditamos?

11

poema

For One Woman We
Would Rise Up

12

**o Líder Apo é
a nossa van-
guarda**

16

cosmovisão

A Base da Luta Comunitária

20

**as mulheres
do nosso
tempo**

23

cômico

26

canção

28

entrevistas

Internacionalistas no
coração da Revolução





CARTA DO EDITOR

Para toda a juventude,

Esta edição especial é resultado da Academia Şehid Hêlîn Qerecox em Rojava, um local onde jovens do mundo todo podem aprender sobre os princípios da democracia, ecologia e libertação das mulheres. Além disso, é um espaço para compreender a história e as conquistas da revolução de Rojava, para tentar construir uma vida comunitária e lutar juntos. A Academia foi dedicada à revolucionária e comandante do YPJ, Şehîd Ronahî Yekta, martirizada em 25 de dezembro de 2024 na defesa da barragem de Tishreen.

Ambas as jovens, a camarada Hêlîn Qereçox e a camarada Ronahî Yekta, são símbolos da resistência do povo e da luta pela liberdade das mulheres. Também dedicamos esta edição a Şehid Tîjda Zagros, (Kelly Freygang) que foi martirizada por um ataque de drones turcos em 29 de abril de 2025, e a todos os mártires da revolução.

Escrevemos esta edição enquanto vivemos uma grande crise global. Em fases como esta, é importante pensar e discutir como conectar as lutas dos povos de todo o mundo e como criar um novo internacionalismo. Este é o resultado de muitas discussões e práticas sobre internacionalismo em Rojava com jovens de todo o mundo. Nós, enquanto juventude internacionalista, somos chamados a travar a luta mais forte para construir uma alternativa ao sistema capitalista global. A maneira de alcançar isso é nos conectarmos e nos organizarmos globalmente com base em princípios democráticos e socialistas.

Por isso, quando começamos a escrever, nos perguntamos: Estamos prontos para assumir essa responsabilidade e, principalmente, as oportunidades que este momento histórico nos oferece? Tentando responder a essa pergunta, nos veio à mente uma história que o Subcomandante Marcos (dos zapatistas do EZLN em Chiapas, México) contou certa vez. Ele conta um telefonema que teve com uma jovem que vive no futuro, no ano de 2145. Quando a jovem atendeu o telefone, Marcos perguntou: "Como vai?" e a menina respondeu: "Depende". Marcos então respondeu: "Como assim, depende?" e a menina respondeu: "Depende de você".

Esta jovem nos lembra que nossa responsabilidade não é apenas para com o mundo de hoje, mas também e especialmente para com as mulheres, as crianças e todas e todos os que virão amanhã. Não importa quantas dificuldades possamos enfrentar, estejamos preparados ou não, a luta para criar o mundo em que a jovem de 2145 possa viver em liberdade depende de nós e das escolhas que decidirmos fazer hoje.

Nas páginas a seguir, abrimos nossos sonhos como jovens internacionalistas em Rojava e examinamos nossos limites e dificuldades para alcançá-los, nossas emoções, nossos medos e nossos objetivos dentro da Revolução. Agora sabemos que a qualquer momento podemos decidir mudar nosso modo de vida, nos organizar com outros jovens e criar o sistema social diferente e democrático com o qual sonhamos. Somente aqueles que lutam podem alcançar a liberdade e a paz. A busca pela verdade que nos une hoje sempre continuará e sempre representará a maior luta e resistência das sociedades democráticas. Nesta linha, continuamos a luta, sabendo que estamos do lado certo de uma história que jamais será derrotada. Esperamos que esta edição seja digna do tempo em que vivemos e que todos vocês que a leem encontrem novas inspirações para continuar a luta por um mundo livre.

Saudações Revolucionárias da Academia da Juventude Internacionalista Şehîd Hêlîn Qereçox em Rojava.

Caros jovens de todo o mundo,

Em primeiro lugar, saudamos a resistência que o Líder Apo trava na ilha-prisão de Imrali, na Turquia. Saudamos com respeito também todos os Mártires que, com infinita força e fé, dedicaram suas vidas à luta pela liberdade. Seus esforços criaram as condições e a esperança para pôr fim à fase de violência e guerra e entrar em um período de paz e sociedade democrática. Com o espírito de Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Thomas Sankara, Alexandra Kollontai, Ghassan Kanafani e Sakine Cansiz, acreditaremos que outro mundo é possível e que o organizaremos!

O Apelo pela Paz e pela Sociedade Democrática

Em 27 de fevereiro de 2025, o Líder Apo apelou à paz e à sociedade democrática, a fim de pôr fim à fase de guerra constante entre o Movimento pela Liberdade Curda e o Estado turco e seus aliados. Mas o apelo à paz e à sociedade democrática é mais do que uma perspectiva local para o Curdistão. É a solução para a situação global de guerra e crise que enfrentamos em todo o mundo. Os atuais genocídios e a ocupação do Oriente Médio entraram em uma nova fase neste período.

EUA, Inglaterra e Israel estão na vanguarda dessa política neoimperialista. O Oriente Médio é uma terra preciosa, onde uma forte cultura comunitária é vivida há milhares de anos.

É por isso que as forças imperialistas têm grande interesse em controlá-la. Por um lado, buscam controlar recursos como petróleo e importantes rotas comerciais entre a Ásia, a África e a Europa. Mas também para impedir que movimentos comunitários, socialistas e democráticos desenvolvam modos de vida alternativos, pois este é o maior perigo para o sistema de poder global. Para atingir seus objetivos, utilizam todas as estratégias desumanas, como o genocídio em Gaza, a opressão da resistência feminina no Afeganistão, o uso de armas químicas no Curdistão e, em nome da “luta contra o terror”, o massacre de milhares de civis em toda a região.



Dessa forma, querem quebrar a vontade da sociedade e tornar a região apta ao sistema capitalista de exploração.

De uma perspectiva externa, forças como Israel e os Estados Unidos parecem imparáveis, e a grande mídia dissemina essa narrativa e mentalidade opressiva contra a população: apresenta a situação como se o destino do Oriente Médio fosse ser dominado por forças externas. As potências hegemônicas se colocam na posição de deuses, como se tivessem poder sobre tudo. Então, como lutar contra isso? Como apoiar o Apelo pela Paz e pela Sociedade Democrática?

O primeiro passo é construir nossa esperança.

Se olharmos para a história, todas as forças imperialistas foram derrotadas, mais cedo ou mais tarde. Dos imperadores sumérios, à era grega e romana, ao nazifascismo, à derrota do imperialismo americano pelos vietnamitas. Sistemas baseados na violência e no poder são, desde o início, instáveis e destinados ao colapso. Todo sistema hegemôni-

coexplora a sociedade em benefício próprio e, ao mesmo tempo, a destrói completamente. É por isso que, a longo prazo, as sociedades são incapazes de viver sob opressão; em algum momento, elas precisam se rebelar, ou se desintegrarão completamente. Até agora, mesmo que isso sempre tenha significado grandes sacrifícios, todos os impérios da história foram destruídos em algum momento. Então, por que o sistema capitalista hegemônico não deveria cair? Por que as forças democráticas, socialistas e comunais não deveriam se fortalecer e criar uma nova forma de organização social?

O Apelo pela Paz e pela Sociedade Democrática é um passo corajoso para sair da espiral de violência que se aprofunda. Numa fase em que todos insistem na guerra e na destruição, apresenta uma intervenção, uma forma alternativa de recrear uma vida de paz e justiça no Oriente Médio e em todo o mundo. Sua essência reside na capacidade da sociedade de se organizar e se defender. Especialmente como jovens, precisamos primeiro acreditar que podemos realmente mudar alguma coisa.

O Líder Apo afirma: “A maior arma do sistema não são as armas, mas sim a estratégia de destruir nossas utopias”.

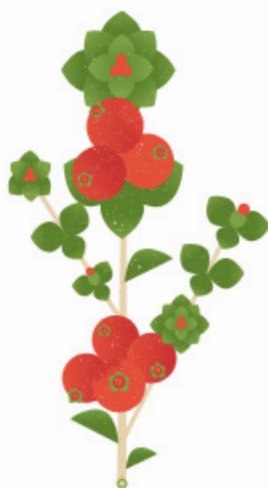
Portanto, o primeiro passo para nós é construir nossa esperança. Sem uma forte crença e esperança na sociedade, o Líder Apo não seria capaz de liderar o movimento e agora, em suas últimas avaliações, propõe a construção de uma nova internacional.

Como jovens que decidem se posicionar contra este sistema vil e injusto, devemos ver a luta e a resistência de nossas sociedades como conectadas.

Não se trata apenas do Curdistão

Desde o início de sua busca por uma solução para os problemas sociais, o Líder Apo sempre analisou a luta pela libertação do Curdistão como conectada à luta pela libertação de todos os povos. Nesse sentido, o paradigma do Líder Apo sempre foi um paradigma internacionalista. Mesmo que o movimento tenha começado com a percepção de que “o Curdistão é uma colônia”, desde o início o Líder Apo reuniu ao seu redor não apenas camaradas curdos, mas também turcos e lazes. Desde o início, os militantes do movimento pela libertação se conectaram com movimentos pela libertação em toda a região.

A primeira academia do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) foi fundada em Bekaa, no Líbano, juntamente com combatentes palestinos e outras forças revolucionárias internacionalistas. Em 1982, o espírito do internacionalismo tornou-se ainda mais claro quando 11 combatentes do PKK foram martirizados em uma ofensiva contra ataques israelenses.



Quando a Turquia começou a atacar a guerrilha nas montanhas do Curdistão com armas da OTAN, apoiada principalmente pelo Estado alemão, o PKK foi incluído na lista de terroristas em 1993. Tornou-se óbvio que as forças hegemônicas estavam se organizando em conjunto. Não era apenas o Estado turco que atacava o movimento. Eram todos os Estados-nação e as potências imperialistas capitalistas, em conjunto, que atacavam para quebrar a resistência do movimento de libertação curdo e da sociedade. É por isso que conectar as lutas, o trabalho diplomático e a perspectiva do internacionalismo tornou-se cada vez mais importante.

perspective

Um novo internacionalismo - como fazemos isso?

Hoje em dia, enfrentamos ataques globais à natureza e à sociedade em todos os lugares. A necessidade de ampliar e conectar nossas lutas é mais forte do que nunca. Em Chiapas, Papua Ocidental, Indonésia, Europa, Palestina e Curdistão; há uma mentalidade de opressão que está atacando a sociedade. Como jovens que decidem se posicionar contra este sistema vil e injusto, devemos ver a luta e a resistência de nossas sociedades como conectadas. Por meio de uma resistência internacionalista, seremos capazes de reunir toda a força das forças democráticas do mundo e deter este sistema de violência e morte. Neste ponto, esta é a pergunta mais importante: como fazemos isso? Por onde começamos?

A principal fonte de força é algo que o sistema está continuamente tirando de nós: nossa sociabilidade. Assim como um leão tem suas garras, uma águia tem suas asas, os seres humanos têm sua sociedade. Sem sociedade, o ser humano não pode viver de forma livre e natural. Mas hoje o sistema está dividindo e destruindo a sociedade cada vez mais por meio do individualismo, do nacionalismo, do sexismo e assim por diante, todos multiplicados e arraigados pela mídia, especialmente a digital. Portanto, o primeiro passo é recriar nossa maior proteção: uma sociedade comunitária que funcione bem. Uma sociedade unida, capaz de se defender e decidir o que aceitar e o que rejeitar, de acordo com seus próprios princípios democráticos.

É claro que uma sociedade não pode ser transformada da noite para o dia. Mas construir a sociabilidade por meio de comunas, pequenos grupos de pessoas que vivem, se educam, lutam e se organizam juntas em suas cidades e vilas, pode ser o primeiro passo para reconectar as pessoas.

Com base nisso, as comunas podem se conectar a outras comunas. Elas podem criar pontes em nível local, regional e global. Muitas dessas estruturas já existem, como vimos muito bem na Conferência da Juventude Internacionalista em Paris,

em 2023. Reunir todos esses grupos, estruturas e comunas e conectá-los de forma contínua é a essência da construção do internacionalismo. Apoiar uns aos outros, educar uns aos outros e criar uma só voz contra o sistema e a favor de um outro mundo.

Outro mundo é possível – vamos organizá-lo!

Começar a organizar as bases, nossas sociedades, será o primeiro passo para reunir nossas forças em uma articulação internacionalista. Crescer em um sistema que reproduz a opressão e a escravidão em todos os níveis, há mais de cinco mil anos, torna difícil imaginar como organizar a sociedade de forma verdadeiramente democrática e comunitária.

Mesmo que ainda vejamos as influências da sociedade comunitária em todos os lugares, e tenhamos uma rica história repleta de resistências populares em que nos apoiar, a tendência geral do sistema de poder é engolir todos esses valores e destruir até mesmo a imaginação de uma vida genuinamente comunitária. Mas nós, como jovens, temos uma forte capacidade de imaginar e nosso projeto deve ir além dos limites do imaginável. O sistema nos diz que um mundo livre de opressão e exploração não é possível. Mas temos o potencial de decidir abandonar essa não-vida e escolher lutar para alcançar e criar uma vida de liberdade e dignidade para todas as mulheres, jovens, trabalhadores e povos em todo o mundo.

Em sua última carta dirigida à liderança juvenil, Apo nos disse duas orientações claras: “Organizem-se e organizem em todos os lugares!”. A força mais poderosa é a organização. E a organização certa começa com um sentimento comum. Na verdade, não é tão difícil conectar diferentes grupos e comunidades. Mas o que falta é a continuidade. E para isso, são necessários uma forte paixão, fortes sentimentos de conexão e responsabilidade. Em todos os lugares do mundo, como jovens e mulheres, somos atacadas ideológica e fisicamente.

Para cada jovem morto pela polícia, no local de trabalho, por gangues fascistas ou em terras colonizadas, para cada jovem que é forçado a viver sob qualquer tipo de opressão, em depressão e desesperança; temos que sentir essa injustiça e essa dor profundamente em nós. Não podemos deixar que isso se torne algo normal para nós. Como disse Che Guevara: “Acima de tudo, seja sempre capaz de sentir profundamente qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo. Esta é a qualidade mais bela de um revolucionário.”

Precisamos cultivar dentro de nós a raiva, a dor e, especialmente, o amor pelas pessoas para nos conectarmos, protegemos e libertarmos a sociedade das correntes da opressão. Agora é o momento de criticar, compreender, corrigir os erros do passado e provar a nós mesmos/as que, com nossa própria vontade e esforço, podemos criar uma alternativa ao sistema existente.

Estamos falando de “Paz e Sociedade Democrática” e, em outras partes do mundo, talvez outras palavras sejam usadas. Algumas comunidades chamam de “Bem Viver”, outras de “Socialismo”, outras de “Sociedade Livre”. Mas o nome do conceito não é tão importante. O importante é compartilhar os mesmos valores. Em vez de focar nas diferenças, é importante encontrar uma base comum e enxergar as diferenças como a beleza da variação. Nós, como jovens, somos o resultado de toda a resistência travada ao longo da história da humanidade; não nos veremos excluídos dela, mas sim, devemos adquirir a experiência, a coragem e a força para completar o que os que nos antecederam começaram.

Enviamos saudações a todos os jovens que travam uma grande resistência e lutam em defesa de sua terra e de seu povo.



Para todos os jovens e mulheres que sacrificaram suas vidas para nos dar a possibilidade de viver em um mundo livre, nossa promessa a eles é uma promessa de vitória!

Como podemos realmente viver aquilo em que acreditamos?

Essa pergunta lançou Şehîd Tîjda Zagros (Kelly Freygang) em uma jornada que a guiou por toda a vida. Para ela, era absolutamente claro que a vida dentro daquele sistema não era uma vida com dignidade e moral. Algo novo precisava ser construído.

Durante seu semestre em Istambul, em 2014, ela conheceu a realidade e a resistência no Curdistão. Participou de eventos e viajou ao Curdistão para fazer contato com organizações políticas. Na Alemanha, conheceu o movimento de esquerda. No entanto, devido à forma como era organizada e ideologicamente alinhada, ela não via potencial para o surgimento de um movimento que pudesse alcançar seus ideais e objetivos. Por isso, não estava satisfeita com aquilo.

Era preciso algo mais forte. Uma organização que travasse sua luta de forma consistente, holística e com uma ideologia clara.

Ela descobriu isso no Movimento Libertação Curdo. Estudou sobre sua ideologia e prática e logo se converteu. Um amigo dela disse:

“Estava claro para nós que queríamos nos organizar com as ideias do líder Apo.”

Quando voltou à Alemanha, passou a organizar-se na organização de estudantes curdos. Tornou-se parte do comitê que organizava academias para educar a juventude. Assim como o líder Apo, reconheceu o papel central que a educação autônoma desempenha na libertação da sociedade e desempenhou um papel importante nisso. As interações sociais e amigáveis a fizeram sentir-se muito confortável imediatamente, e ela foi calorosamente acolhida. Um amigo disse: “Acho que era exatamente o que ela procurava. Um problema que temos com frequência nos círculos de esquerda é a frieza, especialmente no início. A cultura desses círculos é que você precisa conhecer as pessoas muito bem antes de poder fazer qualquer coisa juntos. Esse não é o caso na sociedade aqui (no Curdistão), nem dentro do movimento. Acho que esse aspecto social foi muito importante e marcante para ela. E ela então tentou vivê-lo. Por exemplo, amigos frequentemente vinham visitá-la e encontra-

Nas montanhas do Curdistão, ela encontrou a vida que procurava.

vam abrigo com ela.”

Ela compreendia, cada vez mais, o que queria. Com sua consistência, força e coragem, fez tudo o que era necessário para alcançar esse caminho. Foi isso que a levou a Rojava em 2017, e a decidir se juntar ao movimento de libertação curda.

Ela discutiu com muitos amigos como seria uma vida baseada no paradigma do líder Apo.

A questão central era se deveriam se tornar parte do movimento, ir ao Curdistão e aprender com a luta de lá, ajudando a moldá-lo, ou se era sua tarefa permanecer no ambiente do movimento e construir de forma independente uma organização para a sociedade na Alemanha. Essa questão é tão relevante hoje quanto era na-



quela época. Devido às restrições da vida, como universidade, trabalho ou família, a luta política na Alemanha é frequentemente limitada. Há sempre pouco tempo e poucas oportunidades. Além disso, diferentes exigências e ritmos diversos frequentemente levam a conflitos. Mas Şehîd Tîjda se via como uma revolucionária. Ela não queria esperar que outros estivessem preparados para dar respostas radicais e consistentes. Por isso, via a solução para esses problemas cada vez mais claramente em uma organização de quadros. Uma organização que constrói solidariedade e comprometimento e encontra soluções coletivas para como a vida pode ser moldada para que possa ser totalmente dedicada à luta. Foi por isso que ela decidiu se juntar ao Movimento pela Liberdade do Curdistão.

Consciente de sua identidade como jovem mulher, ela assumiu responsabilidades na organização juvenil por um período. No entanto, sua busca logo a levou mais longe. Ela insistiu com sucesso para poder ir

para as montanhas e se tornar parte da Guerrilha Feminina (YJA-Star). Nas montanhas do Curdistão, ela encontrou a vida que procurava. Uma vida em harmonia com a natureza. Uma vida com dignidade, moralidade e significado.

Uma vida em que havia uma luta constante para desenvolver a vida em comum. Naquela época, os ataques do Estado fascista turco ao Curdistão eram particularmente fortes. A resistência



nas montanhas tinha um significado especial dentro desse cenário. Era portadora de esperança no lugar onde a modernidade capitalista e democrática se chocavam mais intensamente. Şehîd Tîjda compreendeu esse fato e, por isso, sugeriu que se juntassem às unidades especiais (Hêzên Taybet, as forças especiais da guerrilha do PKK). Ela queria dar uma contribuição ainda maior à luta pela liberdade e pela justiça. Era uma pessoa radical e determinada a viver seus valores de forma coerente. Para colocar a autodefesa feminina em prática ao mais alto nível, seu sonho era se juntar à guerrilha.

Sua busca por uma vida em comunidade também a levou até lá. Nas montanhas da Guerrilha, a vida em comunidade (Hevalî) e os relacionamentos que as pessoas têm entre si são levados a um nível totalmente novo.

Nesta vida, tudo depende de todos se complementarem e trabalharem em har-

monia. Essa é a dificuldade, mas também a beleza da vida de Guerrilha. Ela deu esse passo por amor à vida.

Şehîd Mazlum Doğan escreveu "Resistência é vida". Essa também era sua filosofia de vida. Seu objetivo não era segurar uma arma nas mãos. Seu objetivo era a vida livre de todas as pessoas. Para atingir esse objetivo, ela viu que a liberdade do líder Apo é essencial. Sua vontade de liberdade e justiça é tão forte que ele dedica tudo em sua vida para construir um mundo democrático. Ele construiu este movimento a partir de um grande carinho e amor pela humanidade. Com suas reflexões e análises, ele está em constante evolução e dando grandes passos. Como, por exemplo, seu "Apelo pela Paz e uma Sociedade Democrática" em 27 de fevereiro de 2025 mostrou. Embora o PKK tenha respondido a esse chamado com um cessar-fogo unilateral, o Estado turco continuou seus bombardeios. Şehîd Tîjda Zagros foi morto em um ataque em 29 de abril de 2025 em Zap.

Nós a comemoramos para continuar sua luta, para mantê-la viva e para alcançar seus objetivos: a liberdade do líder Apo, das mulheres e de todos os povos.

poema original
For one woman we would rise up

For one woman we would rise up
If one woman died, was caged, or left broken
We would rise up
We would feel her pain
As the man ripped her from life
As if it was ours
As if she was us

And we would rise up
If two women died
Shot sleeping in bed
Or left in pieces outside
We hear their voices
Feel their blood in our veins
Our heart beats growing weaker
Slowing down and stop still

And so we rise up
For the millions who fell
Today, yesterday, long ago

Can you hear all their voices?
Of our friends who all walked this path
Who also could not close their eyes

They tried to bury them deep
To keep their names from our mouths
But some we can still shout out loud

We will take our revenge
For our friends named and not
For our sisters we won't leave forgot
By searching the earth
And lifting them out
Up up up

To be known again
By all those they loved
And we'll finish all the work
they dreamed of.



O Líder Apo

Na essência do Movimento Apoista, sempre houve uma profunda busca pela verdade e justiça para todos os povos do mundo. Desde o seu início, sempre buscou difundir a verdade da opressão social. Mas, para compreender a realidade dessa busca e o momento histórico em que nos encontramos, precisamos analisar a infância e a juventude do Líder Apo. Foi na infância que o Líder Apo se deparou pela primeira vez com as injustiças do sistema. Foi com base nessas contradições iniciais que ele desenvolveu uma personalidade revolucionária que criou as bases da revolução internacionalista que conhecemos hoje.

As primeiras contradições que emergiram na personalidade do líder Apo em relação ao sistema estão ligadas à sua vida enquanto criança na pequena aldeia de Amara. Quando sua irmã se casou e foi entregue a outra família em troca de alguns sacos de farinha, o líder Apo sentiu profundamente a grande injustiça do sistema sexista que escraviza a mulher sob o controle dos interesses do homem. Ele também logo entendeu como a mentalidade estatal gera violência e tenta quebrar a aliança do povo quando sua mãe o forçou a parar de brincar com uma criança de outra tribo devido a conflitos históricos de poder entre as famílias. Quando o líder Apo ainda era uma criança de dez anos, seu irmão

é a nossa vanguarda

Osman danificou o jardim que estava construindo. Seu pai, em vez de assumir uma posição que pudesse incutir nas crianças valores morais e democráticos, mostrando-lhes como interagir entre si e respeitar o esforço e o trabalho de cada um, protegeu Osman.

Isso estava criando no líder Apo as primeiras contradições sobre o que é e o que não é uma abordagem justa para resolver os conflitos entre as pessoas. Como resposta a essa injustiça, o líder Apo roubou dinheiro do seu pai para pagar um ônibus que o levaria da aldeia até a casa de alguns parentes numa cidade próxima. Ele ficou lá por dois dias e trabalhou com eles nos campos para recuperar o dinheiro gasto no ônibus. Quando voltou para sua família, devolveu o dinheiro ao pai. Com essa ação, o líder Apo protestou contra seu pai sem abrir mão de seus princípios justos. Ele demonstrou como uma solução respeitosa e justa pode ser praticada e, ao mesmo tempo, provou a si mesmo que, mesmo sendo ainda criança, com sua própria força e vontade, ele poderia alcançar seus objetivos.

NUNCA TRAIÀ SEUS SONHOS DE INFÂNCIA

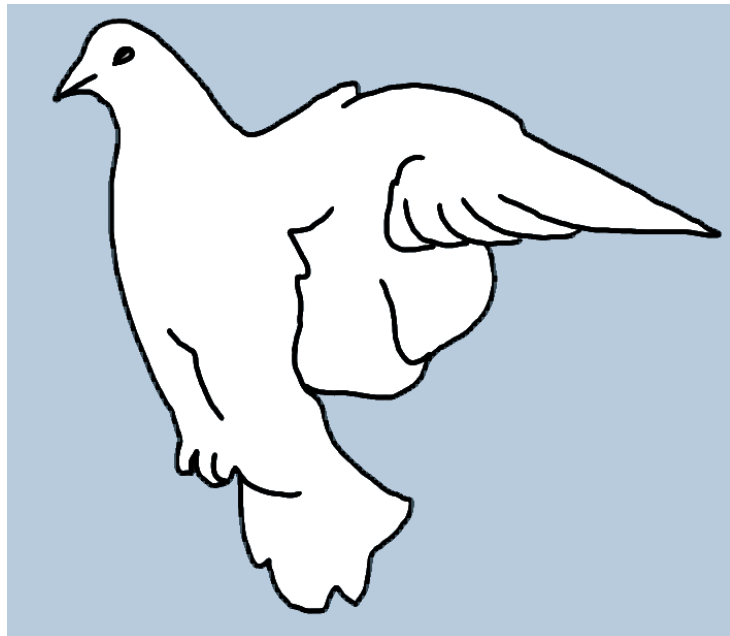
A influência da religião esteve muito presente em sua vida, durante a infância. Ele buscava a verdade na religião e era tão dedicado a ela que o imã de sua aldeia certa

vez lhe disse: “Abdullah, se continuar assim, você voará!”. O líder Apo

permaneceu ligado à religião até o início da Revolução de 68. Durante

esse período, ele estudava e morava numa residência estudantil na universidade. Um dia, ele entrou em seu quarto e encontrou debaixo de um travesseiro o livro “O Alfabeto do Socialismo” e, por meio dele, conheceu as ideias do socialismo. Foi naquele momento que, pela primeira vez, o líder Apo viu na luta política o caminho para encontrar as respostas para suas perguntas e disse: “Maomé perdeu e Marx venceu”. Isso simbolizou sua decisão de se afastar da religião e se voltar para a luta pela revolução.

Esses momentos na vida do líder Apo representam os valores do Movimento Apoísta. De fato, mais tarde, com a continuação e o aprofundamento de sua busca, o líder Apo encontrou respostas para essas contradições que havia encontrado pela primeira vez durante a infância na libertação das mulheres e no paradigma da coexistência democrática entre diferentes povos. Com sua frase “Eu nunca traí meus sonhos de infância”, o líder Apo mostra que as primeiras contradições



que enfrentamos quando crianças são as que mais nos mostram as injustiças deste sistema. Se escolhermos rejeitar essas injustiças, lutarmos e nos organizarmos em conjunto contra elas, com o exemplo do líder Apo, enxergamos que podemos libertar a nós mesmas e às nossas sociedades de qualquer tipo de opressão, podemos criar um sistema de vida baseado em valores de justiça social e liberdade. Se olharmos para trás, para nossa infância, cada uma de nós viveu momentos semelhantes e, se escolhermos não aceitá-los, mas confiar em nosso instinto e segui-lo, podemos nos reconectar com nossa própria verdade como jovens e mulheres e encontrar o caminho para a liberdade.

VANGUARDA INTERNACIONALISTA

O papel do líder Apo tornou-se tão precioso ao longo do tempo que o povo lhe deu o nome de Rêber Apo. Em curdo, Apo significa "tio" e Rêber significa "aquele que abre o caminho", e Rêber Apo abriu o caminho para a liberdade não apenas para os curdos, mas para todo o povo. De fato, as contradições, a luta e os objetivos que ele tinha, desde o início, nunca foram apenas contra a opressão dos curdos, mas ele viu as contradições em toda a sociedade e buscou uma nova maneira de viver. É por isso que, desde o início, ele foi capaz de ser uma inspiração para revolucionários em todo o mundo. No exemplo de Andrea Wolf - Şehîd Ronahî, um revolucionário alemão que conheceu o líder Apo em 1996, podemos entender a importância e o significado que o líder Apo atribui ao internacionalismo.

Şehîd Ronahî fazia parte do Movimento de Guerrilha Urbana na Alemanha. Quando estava presa, teve a oportunidade de conversar com outros militantes de esquerda e ouviu falar pela primeira vez da Guerrilha Curda. A partir daquele momento, ela se aproximou do movimento curdo e, mais tarde, decidiu visitar a Academia Central do Partido

dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que na época ficava em Damasco. Lá, o líder Apo recebeu todos os setores da sociedade para falar sobre a situação do Curdistão e do mundo e discutir soluções.

Com a vontade de criar uma revolução internacionalista, o líder Apo a recebeu na academia dizendo: "É um dos nossos costumes abrir nossos corações completamente quando alguém vem até nós". Naquela Academia, o líder Apo analisou sua personalidade a fim de prepará-la para se juntar à guerrilha nas montanhas do Curdistão. Juntos, eles avaliaram a mentalidade alemã e como ela se manifestava em sua personalidade. O líder Apo viu nela um grande potencial e a ajudou a se desenvolver para criar uma personalidade revolucionária que pudesse liderar a revolução na Alemanha.

Em seu diário, ela descreveu suas impressões sobre o líder Apo: "O presidente me disse também que meu caráter mudará muito e [...] ele acredita que sou bem-sucedida. Mesmo quando falamos línguas diferentes, ainda lutamos pelo mesmo objetivo. Ele é uma pessoa inacreditável, honestamente. Ele me disse na primeira noite que eu seria forte como um lobo. Com certeza ele é influenciado pela realidade curda da qual ele vem. Mas é enorme o quanto ele se distanciou e se desenvolveu.





Eu não conheço UM homem nesta terra que tenha um interesse mais sério para que as mulheres se tornem fortes. Só ele.". Şehîd Ronahî tornou-se mártir em 23 de outubro de 1998, lutando contra o exército turco nas montanhas do Curdistão. Sua busca e sua luta inspiraram milhares de jovens internacionalistas a se juntarem ao Movimento Apoista e lutarem pela liberdade.

JUNTOS POR UMA VIDA LIVRE

Ao compreender a realidade do líder Apo, podemos compreender a nós mesmos e o sistema violento e opressor em que somos forçados a viver. Mas, acima de tudo, compreender o líder Apo significa compreender a força, a beleza, o amor pela vida livre e o potencial que nós, especialmente como jovens, temos dentro de nós. Se escolhermos expressar esse potencial e nos esforçarmos para alcançar nossos objetivos, com o exemplo do líder Apo, podemos criar a maior mudança na história da humanidade. Quando o líder Apo foi à Europa durante o período da conspiração internacional, ele disse: "A maioria das pessoas nesses países não consegue me entender agora, mas em alguns anos os jovens entenderão e continuarão minha luta". Somos os jovens que continuam a luta do Movimento Apoista, pela liberdade física do líder Apo, pela libertação da mulher e pela coexistência democrática e livre de toda a humanidade!

COSMOVISION

A Base da Luta Comunitária

Nosso modo de pensar e viver em Abya Yala está profundamente enraizado em nossa história. Quais foram as forças, histórias e lutas que moldaram nosso presente? Analisamos a resistência do nosso povo, pois é nela que encontramos as nossas origens e o verdadeiro significado da própria vida. Na história registrada por aqueles que corajosamente enfrentaram o expansionismo etnocida, sacrificando suas vidas para defender sua identidade e dignidade contra a morte, sua memória permanece como um guia luminoso, abrindo caminho para novas lutas. Conhecimentos, práticas e modos de vida são transmitidos como uma herança duradoura de geração em geração.



Isso pode ser observado entre os povos Mapuche no Chile e na Argentina, os Maias na Guatemala e no México, os Aimarás na Bolívia e os Nasa e Misak na Colômbia, entre muitos outros. Esses grupos mantêm sua história viva por meio de suas lutas contínuas.

A cultura, a mitologia, a língua e a organização política e social comunitária das comunidades ancestrais de Abya Yala estão inerentemente conectadas à espiritualidade e à natureza.

Na mitologia mapuche, o condor e a serpente são animais sagrados e opostos que mantêm o equilíbrio e a harmonia entre o céu e a terra. O condor habita os céus e as montanhas, representando luz, liberdade e proteção, e serve como um mensageiro espiritual entre os humanos e o sagrado. A serpente, que habita os rios e a terra, simboliza mistério, conhecimento, fertilidade, raízes e transformação. A mitologia das comunidades ancestrais mantém a conexão entre os humanos e seus territórios, moldando suas maneiras de nomear a vida e a natureza, ao mesmo tempo em que promove um senso de responsabilidade para cuidar e defendê-las quando ameaçadas. A visão de mundo do povo de Abya Yala incorpora uma filosofia de vida que entrelaça organização política e democrática,



uma profunda conexão com a terra e um compromisso com o respeito e o cuidado por todas as formas de vida. Enfatiza a harmonia entre todos os seres e níveis da natureza. Essa perspectiva continua a servir como um princípio norteador para as lutas revolucionárias contemporâneas.

Durante a ocupação de Abya Yala, iniciada no final do século XV, os territórios, as línguas, as culturas, os recursos naturais e as crenças espirituais das comunidades ancestrais foram atacados e tomados por colonizadores espanhóis, portugueses, franceses e ingleses. Eles queriam aumentar seu poder político e territorial, impor suas ideias religiosas, roubar minerais preciosos como ouro e prata e abrir novas rotas comerciais. Cometeram todos os tipos de massacres contra a natureza e os povos que lutavam para se defender; milhares foram completamente exterminados, enquanto outros foram assimilados. A visão de mundo das comunidades ancestrais gira em torno da luta para recuperar e liberar suas terras das forças de ocupação. Ela enfatiza a importância de proteger a natureza e defender sua identidade, cultura e língua.

Nascer em Abya Yala traz consigo uma profunda responsabilidade pela vida.

Hoje, lembramos as mais de 6.402 execuções extrajudiciais na Colômbia, ocorridas entre 2002 e 2008, durante o governo paramilitar de Álvaro Uribe, os 43 estudantes desaparecidos pelo Estado mexicano em Ayotzinapa, em 2014, e as mais de 30.000 pessoas que desapareceram durante a ditadura militar argentina. Também vemos o aumento alarmante dos feminicídios em Abya Yala, particularmente no México, bem como a ocupação e o desmatamento contínuos da nossa floresta amazônica. O genocídio contra os povos indígenas persiste

e há ataques implacáveis às línguas e culturas nativas. Todas essas questões servem como lembretes vitais de nossas origens e do nosso dever para com o mundo. Se esquecermos, nos resignamos a uma vida de solidão e extermínio contínuo – a destruição de sonhos e existência, a escravidão e a repetição do horror. É por isso que nosso propósito, para a humanidade e a vida, é focar na organização, autonomia e autodefesa comunitária. Devemos proteger o imenso tesouro que nos foi dado pela mãe terra: o conhecimento de como viver harmoniosamente uns com os outros.

Nossa arma mais poderosa contra o sistema é uma vida comunitária, política e organizada.

A humanidade está interconectada; não somos ilhas isoladas. Fronteiras, frequentemente vistas como linhas sagradas, são meras construções de Estados – divisões arbitrárias destinadas a dominar e controlar. Essas linhas não têm existência real em terra, no céu ou através dos mares. As lutas não podem adotar a mentalidade opressiva dos Estados. Lutar não é se envolver na guerra deles, mas viver de acordo com nossa visão, valores e princípios. Devemos forjar um caminho de afirmação da vida que resista à morte que o sistema promove, construindo comunidade, adotando a autogovernança e criando maneiras de proteger nosso povo.

Não caminhamos sozinhas; caminhamos ao lado de nossos irmãos e irmãs de muitos lugares. Queremos que todas as comunidades do mundo desfrutem das mesmas liberdades e autonomia que desejamos para a nossa comunidade. Enfatizamos continuamente a importância de trabalharmos juntos e não desistirmos um centímetro até alcançarmos todas as mudanças que sonhamos e desejamos.

Isso personifica nossa luta entre a vida e a morte: vivermos unidas em nossa luta, sincronizadas como irmãs e nações oprimidas, em resistência e rebelião. Unimos nossas lutas, estendendo ternura por meio do abraço e do diálogo, criando conexões que inspiram a vida e uma visão compartilhada para o nosso mundo. Acreditamos que a revolução deve carregar um significado profundo e sagrado para sustentar a história da rebelião e a busca por alternativas, construindo sobre as lutas de nossos avós e avôs antes de nós.

A realidade da violência e da guerra não pode ser enfrentada apenas por meios físicos e materiais. Precisamos criar emoções e ideias que superem o que podemos imaginar com nossos pensamentos.

Precisamos buscar respostas em nossa essência mais íntima, que também é a essência mais íntima do universo. Essa dimensão da vida é a raiz de nossas lutas e resistências.

É uma parte da vida que os Estados ocupantes jamais conseguirão apagar da memória das pessoas. É uma dimensão da vida que nos lembra e guia nosso caminho, servindo como fonte que nos conecta com as forças naturais, as memórias de nossos ancestrais e as lutas de outras comunidades. É uma nebulosa, uma crisálida de ideias e esperanças para o futuro. É por isso que nossa luta também é espiritual e sagrada. Ela defende os valores da Pacha Mama (Mãe Terra),

a mãe da vida, do que é justo e bom. Os valores de viver em comunidade, além do material, criam pequenas esperanças que nos ajudam a avançar com objetivos claros e passos seguros em direção a aspirações maiores – abraçando cada dia como o início de uma revolução repleta de alegria radical, abrindo caminhos para nossos aliados e nos erguendo em rebelião contra os opressores. Imaginar e compreender outros modos de vida, sua profunda complexidade que se torna simples e possível quando pensamos e agimos com o coração, que, em suma, é o que impulsiona nosso desejo de mudar o mundo, de abraçar a vida como algo belo que nos acontece junto com os outros.

Nosso compromisso é defender a beleza genuína e transparente com que a vida nos apresenta, com suas diversas cores e formas. Reinventar nossas lutas e refletir diariamente sobre a importân-



cia da vida em nosso fazer, pensar, ser e sentir. Levar nossas experiências de rupturas, derrotas, erros, vitórias e acertos, apurando nossos sentidos para resistir, sustentar e construir a vida que precisamos e que defendemos com a coragem de mais de cinco séculos.

Isso é o que chamamos de cosmovisão.



*Cinco séculos resistindo
Cinco séculos de coragem
Sempre preservando a essência
Cinco séculos resistindo
Cinco séculos de coragem
Sempre preservando a essência*

*É a sua essência e é uma semente
E está dentro de nós para sempre
É a sua essência e é uma semente
E está dentro de nós para sempre*

*Ela ganha vida com o sol
E em Pacha Mama (Mãe Terra) ela
floresce
Ela ganha vida com o sol
E em Pacha Mama ela floresce*



As mulheres internacionalistas revolucionárias do nosso tempo

Ao longo da história, muitas forças democráticas se levantaram contra o sistema patriarcal-capitalista, mas somente o movimento de libertação curdo colocou a ideologia da mulher no centro da revolução de seu povo. Desde o início, a luta curda dedicou toda a sua força e esforço para abrir caminho para a mulher livre. O líder Apo percebeu que, enquanto a mulher não for livre, a sociedade também não poderá ser livre. Ele afirma: “Diz-se que a vida sem uma mulher não é possível. Mas com a mulher atual também não é possível.” Por isso, seu principal objetivo era promover as mulheres, a fim de fazê-las recuperar sua força.

Rumo a uma nova liderança feminina

Em sua carta mais recente, o líder Apo responde à contradição que muitas feministas têm com seu papel como líder masculino de um Movimento de Libertação das Mulheres. Ele afirma: “Elas estão certas; eu gostaria que as mulheres tivessem alcançado essa liderança. Eu também teria desejado isso. Infelizmente, essa liderança ainda não emergiu, não apenas no movimento curdo, mas em geral”. Ele tem razão. Não seria hora de as mulheres finalmente se tornarem a vanguarda da sociedade novamente?

Não seria hora de outra Inanna, outra Rosa Luxemburgo ou Emma Goldman? Ou mesmo milhares delas?

Mulheres em todo o mundo aguardam a revolta global das mulheres. Mas quem a iniciará? Como uniremos todas as mulheres do mundo em um sentido internacionalista? Como construir a Nação das Mulheres, a primeira nação a ser colonizada, mas também a nação mais forte do mundo? Para construir uma perspectiva sólida para o futuro, vamos olhar para trás na história, aprender

com os erros cometidos no passado, mas também conhecer a herança na qual podemos confiar.

A ascensão das mulheres curdas e seu papel essencial na guerrilha, na política, na cultura, na ciência, na economia e, na verdade, em todas as partes da organização do Movimento Curdo são muito evidentes hoje. Mas até que as mulheres alcançassem esse papel, foi uma luta árdua e pesada. Era liderado principalmente pelo líder Apo, que estava constantemente discutindo, educando, aprendendo e lutando com as companheiras, para que elas se conhecessem e tivessem a coragem de se ver como o poder central da revolução.

A conspiração internacional é uma conspiração patriarcal

Em 1999, com o sequestro do líder Apo, os quadros do movimento curdo e da guerrilha nas Montanhas Livres do Curdistão entraram numa fase de crise e dificuldades. Especialmente para as camaradas, foi uma das fases mais difíceis da história do movimento. Até então, as mulheres tiravam toda a sua força e perspectiva do líder Apo, e de um momento para o outro ele foi preso, sob o risco de pena de morte. Além disso, para o líder Apo, estar na ilha-prisão de Imrali causava muita dor, pois estar longe da sociedade e, especialmente, das camaradas, colocava em risco todas as conquistas alcançadas até aquele momento.

O líder Apo entendeu que a prisão foi uma intervenção das forças hegemônico-patriarcais da OTAN, a fim de impedi-lo de desenvolver seu projeto de mulheres e sociedade livres.



Os Estados da OTAN pensaram que a prisão do líder Apo seria como cortar a cabeça do corpo; com ele separado da sociedade, o movimento seria incapaz de se organizar. Mas essas tentativas falharam. A resposta direta que o líder Apo deu quando chegou a Imrali foi criar a perspectiva de construir um partido das mulheres. Ele queria que as mulheres se tornassem completamente autônomas, a fim de se fortalecerem e serem protegidas dos ataques patriarcais internos ao movimento. Nesse sentido, apenas 20 dias após a prisão do líder Apo, em 8 de março de 1999, nas cavernas das montanhas do Curdistão, as mulheres do PKK formaram o primeiro partido autônomo da história das lutas revolucionárias: o Partido da Liberdade das Mulheres do Curdistão (PAJK). E com base nas perspectivas políticas que o líder Apo desenvolveu na prisão, nos escritos de defesa, o movimento curdo ganhou ainda mais poder do que antes e se espalhou por todo o mundo.

Jineologia, Internacionalismo e as Mulheres Mártires

Com o tempo, a líder Apo propôs desenvolver uma nova ciência sob a perspectiva das mulheres, a Jineolojî (Ciência das Mulheres e da Vida). E, à medida que a luta da sociedade curda continuava nas quatro partes do Curdistão, as Unidades de Defesa das Mulheres (YPJ) derrotaram com sucesso a invasão do Estado Islâmico em Rojava (Curdistão Ocidental). Especialmente o desenvolvimento da Jineologia e da luta de autodefesa armada das mulheres despertou o interesse de mulheres em todo o mundo. Şehîd Hêlîn Qerecox (Anna Campbell), que foi mártir na resistência contra a invasão turca em Afrîn em 2018, é uma dessas mulheres e seu exemplo nos guia hoje em nossa luta diária. Ela veio para Rojava porque sentia a responsabilidade, como mulher e como revolucionária, de se unir à resistência curda, e lutou com enorme determinação, amor e força, sem se considerar estrangeira.

Quando a invasão de Afrin começou, seus comandantes recusaram continuamente sua proposta de ir para o front, alegando que era muito perigoso, especialmente porque ela era claramente europeia, e isso a tornaria um alvo. Sua reação foi pintar o cabelo loiro de preto, apenas para convencer seus comandantes a deixá-la participar da resistência.

Ela demonstrou sua profunda conexão com seu objetivo e seu papel como mulher revolucionária internacionalista. Internacionalismo é unidade, é lutar lado a lado e arriscar a própria vida para alcançar o mesmo objetivo.

Mas a autodefesa não pode ser entendida apenas como uma questão física; de fato, podemos ver as perspectivas internacionalistas do Movimento de Libertação Curdo também na Jineologia. Şehîd Lêgerîn Ciya (Alina Sanchez), médica argentina e revolucionária internacionalista, participou das primeiras discussões sobre a Jineologia em 2013. A relevância internacional e a necessidade urgente da Jineologia foram esclarecidas pela presença desta camarada que veio da Argentina para as montanhas do Curdistão para se juntar a uma luta que coloca a libertação das mulheres no centro de sua luta.

A Jineologia é hoje uma das ideias mais difundidas do Movimento de Libertação Curdo. Portanto, houve muito desenvolvimento acontecendo. Em 1999, o líder Apo disse que seu trabalho em prol das mulheres era um projeto inacabado. Mas em suas últimas avaliações, ele declarou: "Este trabalho está completo e tudo o que resta é realizá-lo". Agora cabe a nós dar novos e corajosos passos em direção à nossa liberdade.

Os sandinistas e a libertação das mulheres

Precisamos realmente nos perguntar: por que a mulher precisa ser a liderança? Como mulheres e liderança se encaixam? No exemplo da luta revolucionária na Nicarágua, vemos claramente que muitas revoluções fracassaram devido a conspirações contra a liderança feminina. A luta dos sandinistas na Nicarágua viu mulheres em posições de liderança, como Dora Maria, aos 22 anos, que era comandante da guerrilha. Ela liderou a libertação de várias cidades durante a Guerra das Cidades e foi a única mulher a fazer parte do grupo que realizou a ação que marcou a história da resistência nicaraguense: a ocupação do palácio do ditador Somoza. Essa ação teve grande influência, grande impacto na sociedade e no desenvolvimento da revolução. Depois que os sandinistas chegaram ao poder, eles também desenvolveram estruturas autônomas para mulheres, mas a mentalidade sexista dos membros masculinos da organização tirou o poder das mulheres e o colocou em suas próprias mãos.

A camarada Daisy era outra vanguarda, responsável pelos trabalhos culturais e fundadora do novo Ministério da Arte e Cultura. Mas, depois de continuar a rejeitar as investidas de dois membros do sexo masculino, estes conspiraram contra ela, apagaram seu trabalho e ela foi forçada a sair. Dora Maria sofreu um apagamento semelhante e hoje está na lista de terroristas do estado da Nicarágua.

A partir daqui, podemos ver que a questão das mulheres é um problema mais profundo do que qualquer questão nacional.

No exemplo da Nicarágua, podemos ver claramente a importância do papel de uma liderança que coloque a questão das mulheres no centro da questão da liberdade.



A liberdade da sociedade só pode ser alcançada por meio da libertação da mulher, porque a política feita por ela visa os interesses da sociedade, não os interesses de poucos ou dos homens. Fazer política com a mentalidade masculina dominante significa colonização, opressão e destruição.

Reconstruindo a nação das mulheres

Nas histórias de Hêlîn e Lêgerîn, temos fortes exemplos de liderança internacionalista de mulheres. E no exemplo das revolucionárias Dora e Daisy, vemos que não podemos ter sucesso até que nós, como mulheres, unifiquemos nossas lutas para criar força contra os ataques do patriarcado.

A reconstrução da nação das mulheres será o primeiro passo importante para conectar a luta dos povos do mundo. Especialmente nós, como mulheres jovens, precisamos reconhecer nossa responsabilidade em nos unir e vingar toda a dor que as mulheres sofrem dia após dia. Lutar pelo mesmo objetivo e saber que não estamos mais sozinhas nessa luta é a maior resposta que podemos dar contra a mentalidade sexista.

Através da Ideologia de Libertação das Mulheres e da herança que todas as mulheres que resistiram na história nos legaram, lutaremos até alcançar a vitória.



cômico









Şehîd Ronahî Yekta

Şehîd Ronahî Yekta nasceu em 1995. Sua família vivia em uma pequena vila na zona rural de Afrin, no Curdistão Ocidental. Ela atuou ativamente em trabalhos culturais e com jovens desde os primeiros meses da revolução em Rojava. Şehîd Ronahî ingressou na YPJ em 2021, progredindo rapidamente nos trabalhos com jovens e tornando-se comandante.

Şehîd Ronahî sorria muito. Amigos descrevem sua alegria pela vida e pela natureza, contagiando as pessoas ao seu redor. Şehîd Ronahî era focada e determinada em seu trabalho e aprendeu tudo o que era necessário para a luta, desde videografia até armas avançadas e estratégia. Ela tinha uma vontade intransigente de lutar pela libertação - a de sua terra e a de todas as mulheres do mundo.

Şehîd Ronahî liderou a defesa da Barragem de Tişrîn contra o mesmo Estado turco invasor e seus mercenários jihadistas que ocuparam sua terra natal, Afrin. Ronahî Yekta caiu como mártir como uma jovem vanguarda feminina na linha de frente em 25 de dezembro de 2024.

Şehîd Hêlîn Qereçox

Şehîd Hêlîn Qereçox, Anna Campbell, nasceu no Reino Unido em 1991. Ela se politizou desde cedo, contribuindo para o feminismo, a solidariedade aos refugiados, a abolição das prisões e as lutas dos caçadores sabatistas.

Şehîd Hêlîn viajou pela Europa em seu trabalho político, incluindo a organização de internacionalistas para virem a Rojava e construir e defenderem diretamente a revolução. Como uma verdadeira internacionalista, anarquista e antifascista, Şehîd Hêlîn via a crise da modernidade capitalista como uma crise coletiva para o mundo inteiro. Ela era uma ótima camarada. Focada na libertação, entusiasmada, aberta e fiel a si mesma, positiva e sempre elevando aqueles ao seu redor.

Şehîd Hêlîn chegou a Rojava em 2017 para defender a revolução, combater o fascismo e construir a liberdade das mulheres. Como militante da YPJ-Internacional, participou da campanha de Deir ez-Zor contra o ISIS. Quando a Turquia e seus mercenários jihadistas invadiram Afrin, Hêlîn insistiu em se juntar à defesa. Ao lado de dois camaradas, Hêlîn Qereçox foi martirizada em um ataque aéreo turco na linha de frente em 15 de março de 2018.



digitalize este código para
ouvir a música!

Afrîn

G C G

On the land of Af - rîn, went Rona - hî and Hê - lîn, wo-men of fire, to

7 G D G C G

free-dom they ran. One from far a-way lands, the other knew it as home. They both

14 G D G D C

strug-gled to free Kur-dis - tan. You took up your tasks and held true to your

21 G D C G

aims, to the strug-gle brou-ght hope to your friends and com - rades. So we

27 G C G G D G

walk and we fight and we take up the might, that you gave us with all your dreams,

On the land of Afrîn, went Ronahî and Hêlîn,
Women of fire, to freedom they ran.
One from far away lands, the other knew it as
home.
They both struggled to free Kurdistan.

Refrain:
You took up your tasks and held true to your aims,
to the struggle brought hope to your friends and
comrades.
So we walk and we fight and we take up the might,
that you gave us with all of your dreams.

How to live, where to start, is what Reberti asks,
you answered with the way you lived.
No matter what was, in your path you kept on,
and gave strength with the warmth of your smile.

Refrain

Both knew no borders or walls, both felt
part of us all,
so could never stand by, looking on.
With a weapon in hand and revenge in
their soul,
they went forward for revolution.

Refrain

How we fight, how we fight, struggle hard,
struggle right,
so we build up and defend our world.
You brought us this light, it burns in the
night
so that we can continue your way.

Refrain

INTERNACIONALISTAS NO CORAÇÃO DA REVOLUÇÃO



Entrevistas com jovens internacionalistas em Rojava

Nesta entrevista, vemos o significado do internacionalismo através dos olhos dos jovens que se juntaram à Revolução em Rojava em diferentes momentos e de diversos países do mundo, como Síria, Alemanha, Brasil e Itália. Pedimos a cada um deles que nos contasse sobre a beleza de se juntar a uma revolução internacionalista e que tipo de contradições e entusiasmo sentiram em suas experiências. Nas entrevistas, você ouvirá suas histórias de educação e lutas em situações de guerra e como superaram suas dificuldades.

“Heval V., o que a fez decidir vir para Rojava?”

Por que vim para cá? Bem, no começo eu tinha muita admiração pelo Movimento de Libertação das Mulheres Curdas, então eu queria conhecê-lo melhor para entender como a revolução feminina pode ser feita na prática. Para mim, posso dizer que, no começo, o internacionalismo não era um tópico explícito. Foi uma longa jornada, claro, com muitas fronteiras, mas para mim fez muito mais sentido vir para Rojava do que ficar onde estava. Outro ponto importante do internacionalismo é estar sempre em movimento, sempre criar perspectivas diferentes, sempre olhar através dos olhos dos outros. Às vezes, com as mulheres aqui, fico tão emocionada. Certa vez, durante uma formação autônoma da Asayish (Forças de Segurança Interna) com outras mulheres aqui, eu estava observando elas se reunindo para aprender a defender

“Quando a guerra começou, eu estava com um amigo de Bashur (Curdistão do Sul), um de Bakur (Curdistão do Norte) e um da Europa. Lutamos juntos contra o Daesh. Isso é algo sagrado, não nos conhecíamos, mas lutamos lado a lado. Quando me ferí, um desses amigos estava me ajudando e lutando contra o inimigo. Não nos conhecíamos, mas compartilhávamos um espírito de camaradagem.”

sua sociedade, e fiquei muito impressionada. O que aprendemos aqui é realmente importante para o mundo inteiro. Estarmos juntas em situações muito difíceis, isso é o internacionalismo para mim.

“Heval D, como foi pra você quando chegou em Rojava?”

Quando eu planejava vir para Rojava, eu só sabia falar português. Naquela época, não havia nenhum tipo de material ideológico traduzido para o português; eu só conhecia o YPJ e o YPG e algo sobre o PKK. Sempre tive em mente o sonho de vir para Rojava e, depois de algumas

tentativas, consegui chegar aqui. Para mim, internacionalismo era um conceito muito vago, algo como construir uma ponte, ir a algum lugar por um mês e voltar, mas quando decidi vir para Rojava, ficou claro que eu não queria voltar. Não entendi tudo de primeira, mas pelo pouco que li, entendi que era a coisa certa a fazer, então, por causa desse sentimento, eu fui. Lembro que minha mãe ficou decepcionada por não nos vermos tão cedo, mas então eu disse a ela: “Mãe, você acha que o Che Guevara costumava ligar e voltar para visitar a família?”. Então ela entendeu o significado da minha escolha.

“Heval Z, você é um camarada do Oriente Médio. O que pode nos dizer sobre sua experiência enquanto internacionalista árabe, entre outros?”

Na época da guerra contra o Daesh (ISIS), eu não sabia que um Tabur (batalhão) internacionalista havia sido criado. Fiz um curso de medicina de guerra porque os camaradas me disseram para aprender sobre primeiros socorros, para que pudéssemos ajudar nossos camaradas feridos e não deixá-los caírem Şehîd (mártires). Pensei que, no curso, todos os camaradas seriam de Rojava. Por isso, quando cheguei, fiquei chocado ao ver camaradas da Alemanha, Suíça,

“Na barragem de Tishreen, milhares de pessoas de diferentes partes do Oriente Médio, Europa e Abya Yala travaram uma grande resistência contra o ataque do Estado turco, de Israel, da OTAN e de seus grupos fundamentalistas. Para a sociedade, ficou claro que essa resistência não era apenas pela barragem ou pelo povo daqui, mas sim uma resistência por toda a humanidade.”

França e outros países da Europa. Tivemos que fazer traduções para eles. Para entender algo, primeiro tínhamos que traduzir para árabe e curdo, depois para alemão, inglês e outras línguas; era muito difícil. Alguns tópicos eram traduzidos, mas para outros era muito difícil. Parte do curso também era sobre como convivíamos entre nós. Isso foi estranho para mim, todos falavam uma língua diferente, tinham religiões e modos de pensar diferentes, éramos trinta e cinco pessoas, todas com origens diferentes. No início da educação, enfrentamos algumas dificuldades. Lembro-me de dizer a mim mesmo: “Isso é

muito difícil”. Sei que alguns dos outros amigos também sentiram o mesmo. Então compreendi que é importante compreendermos-nos melhor uns aos outros e, de acordo com isso, alterarmos a nossa abordagem. No final, todos os diferentes amigos, por exemplo, se juntaram à educação preparando comida e bolos, houve muita alegria. No final da educação, éramos muitos camaradas diferentes, mas compartilhávamos um pensamento: isso é algo lindo.

Quando a guerra começou, eu estava com um amigo de Bashur (Curdistão do Sul), um de Bakur (Curdistão do Norte) e um da Europa. Lutamos juntos contra o Daesh. Isso é algo sagrado, não nos conhecíamos, mas lutamos lado a lado. Quando me ferí, um desses amigos estava me ajudando e lutando contra o inimigo. Não nos conhecíamos, mas compartilhávamos um espírito de camaradagem, posso dizer isso.

“Heval C., o que te impedia no começo?”

O que me impedia naquela época era o medo de perder os relacionamentos que eu tinha na minha terra natal, com amigos e familiares. A sensação de não conseguir me distanciar desses relacionamentos. Mas falando sobre sociedade, civilização,

sistema estatal, opressão das mulheres, se quisermos mudar tudo isso, temos que começar por Rojava. É difícil discutir com a família sobre esses assuntos, às vezes até com amigos, mas é importante fazê-los entender por que nós, como jovens internacionalistas, damos esses passos e por que vemos a solução para os problemas das sociedades no pensamento do líder Apo. Eu tentei e, até certo ponto, consegui; embora agora eles possam não estar felizes com isso, com certeza entendem. Então, consegui vir aqui e me juntar à revolução.

“Heval V. Ainda é importante para um jovem revolucionário vir para Rojava?”

Pensei muito sobre essa questão porque muitos camaradas pensam assim: “Irei para Rojava ou para as montanhas e nos separar do sistema. Então, não terei mais nada a ver com o sistema.” Isso é errado, mas também é errado permanecer sempre no mesmo lugar. É importante encontrar maneiras diferentes de nos entendermos melhor e aprendermos a nos organizar e organizar a sociedade. Todos buscam a verdade e a liberdade e querem construir uma sociedade moral e política, e aqui em Rojava podemos aprender muito.

“Heval B., o que você pode nos contar sobre sua experiência?”

Como militante internacionalista, sempre foi muito claro para mim que a empatia é um fator crucial em nossa luta. Sentir a dor e a opressão sofridas por outros povos, como se fossem minhas. O internacionalismo foi algo que senti de verdade quando, junto com o povo, fomos brutalmente atacados e tivemos que buscar refúgio num lugar. Naquele momento de caos e desespero, vi que as famílias não estavam preocupadas com seus bens materiais ou com o fato de terem que sair novamente devido aos ataques brutais do inimigo, mas sim com a nossa saúde e a nossa segurança. Senti o que significava ser internacionalista com cada novo camarada que

conheci durante a jornada da nossa luta, com diferentes origens e realidades, de diferentes nações, mas todos movidos pelo mesmo ideal utópico e reconhecendo no paradigma do líder Apo a esperança de construir essa utopia na vida. Em nossas lutas, vemos nossas práticas, nossos acertos e erros, o que temos que construir e como, juntos, temos que resistir aos ataques imorais e desumanos deste sistema. Podemos ainda não ver os resultados práticos de nossa luta da maneira que desejamos, mas certamente estamos caminhando para o nascer do sol de um mundo livre, onde a humanidade será novamente respeitada pelo que realmente é. Isso é suficiente para nos manter avançando nesta construção.

“Heval J, você quer acrescentar algo?”

Sim, para mim, o exemplo mais claro de internacionalismo em nosso tempo é a luta do próprio povo aqui na sociedade de Rojava. Sobre isso, quero compartilhar a experiência da resistência heroica de Tishreen. Na barragem de Tishreen, milhares de pessoas de diferentes partes do Oriente Médio, Europa e Abya Yala travaram uma grande resistência contra o ataque do Estado turco, de Israel, da OTAN e de seus grupos fundamentalistas. Para a sociedade, ficou claro que essa resistência não era apenas pela barragem ou pelo povo daqui, mas sim uma resistência por toda a humanidade. As forças mais hegemônicas e imperialistas queriam atacar e destruir a Revolução de Rojava para destruir a esperança e a possibilidade de todos os povos do Oriente Médio e do mundo construírem um sistema democrático. O povo compreendeu o significado desses ataques no contexto da Terceira Guerra Mundial e deu tudo de si para defender o brilho da vida livre e democrática.

Sabiam que poderiam ter caído como mártires, mas a defesa da sociedade democrática era mais importante para eles. Para mim, esta é a forma mais profunda de internacionalismo.

Outro mundo é possível – vamos organizá-lo!



Lêgerin é uma plataforma de mídia socialista construída pela juventude internacionalista para todos os movimentos juvenis internacionalistas do mundo todo.

Estamos abertos a comentários e reflexões de nossos leitores. Envie suas mensagens para o nosso e-mail!



Lêgerin
Magazine

Mail
legerinkovar@protonmail.com

Website
www.revistalegerin.com

A person wearing a black and white checkered keffiyeh and a black jacket is holding a camera and making a peace sign. The background is a blurred outdoor setting.

a história não acabou
enquanto os jovens
estiverem a lutar

Lêgerîn

Revista Internacionalista da Juventude